



Memória biocultural no limiar entre a psicologia e a agroecologia: o que diz a revisão sistemática da literatura?

Biocultural memory on the threshold between psychology and agroecology: What does the systematic literature review say about it?

PERES, Flávia¹; MEDINA, Lorena²

¹ UFRPE, flavia.peres@ufrpe.br; ² PUC-Chile, lmedinam@puc.cl

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma Revisão Sistemática da Literatura, para refletirmos sobre o uso do termo memória biocultural, integrando aspectos conceituais para o desenvolvimento de uma Psicologia alinhada à Agroecologia e valorização ética da diversidade biocultural. Os trabalhos encontrados apresentam interessantes pesquisas e experiências práticas desenvolvidas sobre conhecimentos de povos originários e camponeses, mas a discussão sobre subjetividade ainda é incipiente nesses trabalhos de axioma biocultural. Assim também, desde o marco teórico elaborado por Toledo e Barrera-Bassols, as discussões ainda não têm aprofundado a memória como função psicológica corporificada. A partir de uma abordagem histórico-cultural em Psicologia e diálogos com a ética biocultural, compreendemos a importância da mediação semiótica para justificar novos estudos e práticas sobre as relações intersubjetivas e interespecies, potentes para construção do conhecimento agroecológico.

Palavras-chave: ética biocultural; mediação semiótica; diversidade biocultural.

Introdução

Há milhares de anos, desenvolve-se um jogo histórico que integra a complexidade biológica e cultural, em interações entre a espécie humana, suas culturas e a natureza. Relacionado a esse jogo, Toledo; Barrera-Bassols (2008; 2015) apresentam seu conceito de memória biocultural, e fazem referência à forma de disseminação do conhecimento tradicional, marcada pelo repertório de símbolos, conceitos, percepções, que ocorrem nas mentes coletivas ou individuais. Assim, conceituam a memória biocultural como o extenso e complexo patrimônio de saberes locais que se difunde, principalmente, por meio da diversidade biológica, da diversidade linguística e da diversidade agrícola dos povos tradicionais. É apresentado por uma “Matriz dos conhecimentos tradicionais” (TOLEDO; BARRERA BASSOLS, 2015, p.98), a qual permite caracterizar conhecimentos em suas dimensões dinâmicas (de padrões e processos), relacionais (elementos ou eventos naturais) e utilitárias dos recursos naturais e das paisagens.

Na construção do conhecimento agroecológico, o termo memória biocultural mostra-se como um conceito fundamental, que já vem se desenvolvendo em estudos, metodologias e pesquisas na área (por exemplo, ver IBARRA et al., 2022). Entendemos que o conceito pode integrar um campo de pesquisas interdisciplinares, que alcance as dimensões subjetivas corporificadas dessa



memória, enquanto fenômeno psicológico, desde uma abordagem em Psicologia que conceba os humanos como parte da natureza, ainda que constituídos socialmente e, logo, em relações mediadas semioticamente. Mas em que medida os trabalhos sobre memória biocultural têm dialogado com a Agroecologia e a Psicologia? Além disso, as discussões sobre o tema compreendem os processos mnemônicos, subjacentes aos conhecimentos bioculturais, como sendo uma função psicológica?

Neste artigo, apresentamos uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) sobre o conceito de memória biocultural, para provocar uma reflexão inicial que cruza aspectos teóricos da Psicologia histórico-cultural (VYGOTSKY, 1994), da ética biocultural (ROZZI, 2012) e da Agroecologia (ALTIERI, 2004), germinando em transformações e novos conhecimentos no encontro entre essas áreas.

O que podemos acrescentar desse cruzamento, como aspecto ainda incipiente nas discussões agroecológicas, é uma compreensão da subjetividade constituída a partir dos contextos de interação corporificada nos territórios, com memórias para além da relação de alteridade entre humanos, ressaltando a importância ética de nossas relações com outro-que-humanos. Aqui, optamos por manter a expressão “outros-que-humanos”, seguindo uma justificativa ética biocultural (ROZZI, 2017), que assim se refere ao conjunto de seres bióticos e abióticos que formam diferentes níveis de organização e interação nos ecossistemas que co-habitam. Desde a ética biocultural, esses outros-que-humanos habitam não apenas a natureza biofísica, mas também imagens, símbolos e valores enraizados em nossas culturas. Portanto, co-habitam nossas comunidades bioculturais, abrangendo os domínios biofísicos e linguístico-discursivos da realidade.

Compreendendo o fenômeno da subjetividade por uma abordagem histórico-cultural em Psicologia, os processos de desenvolvimento humano são entendidos ao longo de sua gênese e transformação históricas (OLIVEIRA; REGO, 2003). Das bases iniciais da escola de Vygotsky (VAN DER VEER; VALSINER, 1999), no início do século XX, captamos o projeto para uma Psicologia que considera os tempos da espécie (filogenético), do indivíduo (ontogenético), da cultura (sociogenético) e das mudanças únicas que perpassam qualitativamente cada sujeito (microgenético), em uma história singular de desenvolvimento. A subjetividade é entendida como um processo complexo, não reduzido à mediação semiótica, já que no jogo simbólico das interações sociais nas diversas culturas, os afetos são fundamentais no processo de constituição subjetiva (GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017).

As emoções têm um lugar ativo e gerador dos processos psicológicos e impregnam de sentido afetivo as experiências humanas, corporificadas nos encontros, em condições específicas. A partir dessas bases, entende-se que a humanidade se organizou ao longo de sua história, imersa em contextos cujos significados foram se estabilizando em artefatos simbólicos ou materiais, que servem como mediadores de nossas ações no mundo (COLE, 1999). No sentido de Toledo; Barrera-Bassols (2008; 2015), à luz da Psicologia histórico-cultural, podemos dizer que a memória



biocultural se estabiliza em artefatos para que seja possível o compartilhamento do patrimônio ancestral.

Podemos ainda afirmar que a forma como a sociedade global vem se organizando, desenvolvendo e elegendo os artefatos com os quais se relaciona, tem acabado por priorizar alguns modos de vida sobre outros, em relações de poder que excluem conhecimentos, etnias e espécies, suprimidas de processos jurídicos, institucionais e práticas sociais, ainda que resistam a esse desaparecimento ou esquecimento.

Entendemos que essa discussão sobre memória biocultural tem um destaque ético imprescindível à Psicologia histórico-cultural, e perpassa as dimensões ecológica, econômica, social, cultural e política da Agroecologia. Assim, nos perguntamos: em que medida os estudos sobre memória biocultural já se constituem em um espaço interdisciplinar de conhecimento agroecológico? Uma RSL nos dá um chão por onde começar.

Metodologia

Seguindo um protocolo de orientações para a RSL (KITCHENHAM, 2004), com o objetivo de identificar, avaliar e interpretar as investigações relevantes relacionadas ao tema da pesquisa, definimos dois momentos para a revisão:

Primeiro momento - Centrado nas produções que trazem a palavra “Memória Biocultural”, cruzando-a com outros campos descritores, a saber: “Agroecologia”; “subjetividade” (para este campo, realizamos também variações com as palavras: “Identidade”; “Psicologia”). Do mesmo modo, realizamos variações de idioma na revisão, com palavras equivalentes em espanhol e inglês. As bases de dados utilizadas foram a rede Scielo (scielo.org) e a plataforma dos Periódicos Capes (periodicos.capes.gov.br), para um panorama internacional; e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (btdt.ibict.br), restrita às produções de mestrado e doutorado no Brasil. Focalizamos o quantitativo do material encontrado, podendo os termos estarem em qualquer menção nos trabalhos nas respectivas bases: título, resumo, palavras-chave, bibliografia. Também não estabelecemos restrições ao ano das publicações, computando todos os trabalhos publicados até junho de 2023.

Segundo momento - Categorização detalhada de todo o material, no escopo da revisão, a partir dos resultados do primeiro momento. Para tanto, realizamos a leitura dos trabalhos, com foco no conceito de memória biocultural, verificando se seguiam a referência de Toledo; Barrera-Bassols (2008) ou suas derivações em novas edições da obra, ou se advinham de outra fonte. Neste momento, também realizamos um aprofundamento qualitativo conceitual a respeito das relações desses trabalhos, com reflexões teóricas sobre subjetividade, identidade e funções psicológicas.



Resultados e Discussão

Considerando a presença do termo “memória biocultural” em qualquer menção ao longo dos trabalhos no repositório da *rede Scielo*, o mesmo apareceu em 13 artigos. Ao cruzarmos com a palavra “agroecologia”, a busca localizou apenas um resultado. Para a variação da busca em espanhol, o quantitativo dos resultados se mantém semelhante à busca em português. Já quando buscamos o termo em inglês (“*biocultural memory*”), diminui para dez o quantitativo de trabalhos encontrados, sendo que esses dez trabalhos já apareciam na pesquisa. Quando cruzamos o termo com as palavras “Subjetividade”, “Identidade” ou “Psicologia” (e suas variações em espanhol e inglês), não são localizados trabalhos.

No portal dos *Periódicos Capes*, localizamos 63 trabalhos com o termo “Memória biocultural”. Ao cruzarmos com o termo “Agroecologia” quatro artigos; e com a palavra “Psicologia”, nenhum artigo, embora apareçam três trabalhos com a palavra “Subjetividade” e nove com “Identidade”. Tais resultados se repetem para a variação em espanhol. Quando a busca é feita com as variações na língua inglesa, encontramos o seguinte: “*biocultural memory*” com 95 artigos, sendo que alguns desses já estavam contidos na busca em português. No entanto, detalhando a busca, combinando com a palavra “*Agroecology*”, apenas seis artigos são localizados; combinando com “*Psychology*”, doze artigos; e as variações “*Subjectivity*” e “*Identity*”, respectivamente, dois e 15 artigos.

Na *BDTD*, no âmbito nacional, para o campo “memória biocultural” encontramos 23 trabalhos, sendo 14 dissertações e nove teses. Especificando a busca com a inclusão do campo “Agroecologia”, foram encontrados oito trabalhos - seis teses e duas dissertações. Com a presença do termo “Psicologia”, nenhum trabalho foi encontrado, mas ao variarmos para “Subjetividade”, uma dissertação é localizada; e o termo “Identidade” aparece em três teses e uma dissertação.

No *segundo momento*, encontramos um uso variado para o termo memória biocultural, embora a maioria dos trabalhos explicitamente faça referência ao trabalho de Toledo e Barrera-Bassols (2008; 2015). Em alguns trabalhos, esses autores não são mencionados e, embora o conceito seja abordado em direção semelhante ao que especificam em seu marco teórico, o sentido varia, referindo-se a um conhecimento ecológico acumulado e práticas que são geradas, retidas e revividas através de recordações por comunidades de usuários. Nesses, as referências usadas para justificar o conceito advêm de outras fontes. Outras vezes, o conceito é associado a patrimônio histórico e diversidade biocultural, mas sem deixar claro um vínculo com a matriz de Toledo e Barrera-Bassols. Há ainda uma parcela pequena de trabalhos que não explicitam o que tratam por memória biocultural.

Alguns trabalhos associam o termo a processos biológicos e neurológicos que podem ter um alcance biocultural potente para a Psicologia e a Agroecologia. Alguns realçam aspectos filogenéticos e ontogenéticos do desenvolvimento humano, centrando-se em psiquiatria, neurologia ou estudos atitudinais, sem



menção à Agroecologia. Outros, fazem menção à subjetividade e à identidade, mas assumem relações entre uma memória individual e coletiva associada a etnobotânica, etnoecologia e história de práticas em determinados contextos, sem focar nas funções psicológicas.

Destacamos, no entanto, alguns artigos que assumem a importância dos significados e das narrativas, na transmissão oral de conhecimentos ancestrais. Nesses trabalhos, como em outros com foco em aspectos educacionais e na memória biocultural como ferramenta pedagógica, vislumbramos alcances nítidos com as discussões psicológicas. De todo modo, no geral, os trabalhos que dialogam com aspectos simbólicos atentam para discussões antropológicas e sociológicas, sem realçar a discussão psicológica subjacente. Há uma lacuna no tocante a estudos sobre processos cognitivos corporificados e uma possível abordagem convergente com a Agroecologia.

Assim, observamos uma abertura a estudos sobre memória que focalize a transmissão de hábitos e pesquisas a serem aprofundadas em um campo interdisciplinar que contemple, entre outros temas: memórias autobiográficas, experienciais e narrativas dos mestres de saberes ancestrais, em suas relações subjetivas com a biodiversidade; relações de gênero e equidade no contexto de disputas de poder nos territórios, sentimentos de pertencimento e suas demandas em processos carregados de emoção; discussões no campo dos direitos da terra e construções de artefatos em Agroecologia, com propostas éticas bioculturais para legitimação da biodiversidade e da diversidade cultural.

Conclusões

Acreditamos que novos trabalhos interdisciplinares e interculturais, integrados à ética biocultural, podem gerar contextos de atuação recíprocos para Psicologia e Agroecologia, em que o resgate, a transmissão, a ressignificação e mesmo a construção de novas memórias bioculturais, surjam das relações intersubjetivas e ampliem-se para transformações éticas, em direção a transição agroecológica.

Evidenciamos que as discussões sobre os processos subjetivos das memórias bioculturais são incipientes nas pesquisas, e requerem integração interdisciplinar com alcances agroecológicos. A Psicologia pode desempenhar um papel relevante na discussão, apesar do cientificismo moderno que marca as ações de pesquisas e práticas da área. Faltaria dialogar com outros saberes advindos de distintas cosmovisões, beneficiando-se justamente das memórias bioculturais, estas fortalecendo ações, reflexões teórico-práticas e propostas contemporâneas, como algumas já advindas da Psicologia Rural, Psicologia Comunitária e Psicologia Ambiental, todavia não referenciadas nos trabalhos, segundo a RSL realizada.

Os conhecimentos agroecológicos podem favorecer a Psicologia, ao romperem com a abstração dos fundamentos das ciências psicológicas, e alcançarem a emergência concreta dos fenômenos subjetivos nos territórios. Simultaneamente, seus conhecimentos podem fortalecer a Agroecologia, a partir de compreensões sobre



subjetividade, identidade e memória. Temos nesse limiar entre Agroecologia e Psicologia uma abertura a novas teorias e práticas, para favorecer o resgate de memórias e o manejo de mediações semióticas bioculturais, em direção a sujeitos eticamente responsáveis pela diversidade biológica e cultural.

Agradecimentos

Este artigo foi escrito no contexto das investigações em Cape Horn International Center (CHIC) ANID/BASAL FB210018.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COLE, Michael. **Psicología Cultural**. Madrid: Morata, 1999.

IBARRA, José Tomás. et al. Ouvindo os avós: transdisciplina, pássaros e pessoas para cultivar a memória biocultural. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 20(3), 1-22. 2022.

KITCHENHAM, Barbara. **Procedures for performing systematic reviews**. Keele, UK, Keele University, 33, 1-26. 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando. e MITJANS MARTÍNEZ, Albertina M. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano**, 13(2), 3-20. 2017.

OLIVEIRA, Marta Kohl. e REGO, Teresa C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V.A. (Org.) **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

ROZZI, Ricardo. Presentación. In. CALLICOT, J. Baird. **Cosmovisiones de la Tierra**. Um estudio multicultural de éticas ecológicas desde la cuenca del Mediterráneo hasta el desierto australiano. Ciudad del Mexico: Plaza y Valdes Editores, 2017.

ROZZI, Ricardo. Biocultural ethics: The vital links between the inhabitants, their habits and regional habitats. **Environmental Ethics**, 34(1), 27–50. 2012.

TOLEDO, Victor. e BARRERA-BASSOLS, Narciso. **La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria editorial, 2008.

TOLEDO, Victor. e BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.



VIGOTSKI, Lev Seminovich. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.